



GT: 4 Literatura Comparada e Interculturalidade

HERDEIRAS DO MAR: VIOLÊNCIA DE GÊNERO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA FEMININA NA LITERATURA DE MARY LYNN BRACHT

Luis Gabriel Monteiro Silva, Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

RESUMO

A obra *Herdeiras do Mar*, de Mary Lynn Bracht, constitui ponto de partida fundamental para refletir sobre a violência de gênero em contextos de guerra e o silenciamento histórico das mulheres, especialmente das "mulheres de consolo" coreanas forçadas à escravidão sexual durante a ocupação japonesa. Este trabalho propõe uma análise crítica da narrativa, explorando como a literatura pode atuar como instrumento de resgate da memória coletiva e denúncia das estruturas patriarcas que marcam o corpo feminino como território de dominação. Fundamentada na Literatura Comparada, conforme proposta por Remak (1961), a pesquisa articula a narrativa literária a dimensões históricas, culturais e sociais, utilizando como referencial teórico os estudos de Kim (1983), que discute a erotização da mulher asiática em contextos coloniais e militares; Spivak (1988), com sua noção de subalternidade; Hooks (2000), cuja abordagem interseccional amplia a compreensão da opressão; e Orlandi (2001), que oferece reflexões sobre linguagem e memória. A metodologia combina revisão de literatura e análise interpretativa do romance, visando identificar estratégias narrativas que denunciam a violência institucionalizada e resgatam vozes femininas silenciadas. Os resultados indicam que a obra atua como resistência simbólica, valorizando narrativas marginalizadas e denunciando a perpetuação histórica da opressão de gênero.

Palavras-chave: sociedade patriarcal; resistência feminina; violência de gênero; literatura comparada; literatura oriental.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, o papel das mulheres na sociedade foi silenciado e moldado por estruturas patriarcas, apesar de sua atuação fundamental na cultura, na família e na resistência — frequentemente esquecida ou distorcida pelos registros históricos. Diante desse cenário, a História do século XIX em evolução até o século presente, visou um olhar para essas histórias que por tempos permaneceram em segundo plano. A literatura, então, torna-se uma ferramenta poderosa para resgatar memórias historicamente apagadas. Sendo assim, a obra *Herdeiras do Mar*, de Mary Lynn Bracht, torna-se um potencial diálogo entre História e literatura, utilizando do contexto histórico da Segunda Guerra Mundial, sob a ótica da Guerra da Coreia. A

autora transita em uma narrativa de memória, vozes silenciadas e o simbolismo de uma sociedade tradicional-patriarcal o qual desrespeita o corpo feminino.

Remak (1961) define a Literatura Comparada como o estudo da literatura para além das fronteiras nacionais e em diálogo com outras áreas do saber, o que possibilita ampliar a análise de *Herdeiras do Mar* em diferentes contextos históricos, sociais e culturais. Justifica-se a escolha da obra como objeto de estudo por sua relevância social, além de seu potencial de, por meio da ficção, representar a realidade de mulheres silenciadas ao longo da história. Este trabalho tem como objetivo analisar como o romance denuncia a violência de gênero institucionalizada e a construção social da identidade feminina em contextos de guerra e opressão. A metodologia adotada consiste em uma revisão de literatura, utilizando os referenciais teóricos como base interpretativa. A análise se estrutura em três eixos: a representação das *haenyeo* como corpos femininos autônomos; os soldados japoneses como símbolo de um poder patriarcal militarizado; e, por fim, a literatura como meio de resgate da memória e de reinscrição das mulheres na história.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de aprofundar a compreensão do contexto sócio-histórico, o referencial teórico reunido neste trabalho oferece uma base crítica e consistente para a análise. Kim (1994) contribui de forma significativa para os estudos das mulheres asiático-americanas, abordando questões de identidade, sexualidade e opressão em contextos de guerra. Para a autora, “as mulheres asiáticas frequentemente são apresentadas como erotizadas e sexualizadas, tanto no imaginário colonial quanto em contextos militares, como objetos de desejo e submissão” (Kim, 1994, p. 102).

Em consonância com essa perspectiva, Spivak (1988) problematiza a condição do corpo subalterno, evidenciando como ele é atravessado por estruturas de poder que o impedem de ser reconhecido como sujeito pleno. Nesse debate, Hooks (2000) é fundamental ao propor um feminismo interseccional que enfrenta o sexismo, o colonialismo e a exclusão histórica de mulheres pobres e não brancas. Complementam esse aparato teórico os estudos de Ramk (1961) e Orlandi (2003), que contribuem, respectivamente, para a compreensão da literatura em sua articulação com outros saberes e para a reconstrução da memória histórica a partir de uma perspectiva discursiva.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As haenyeo, conhecidas como “mulheres do mar”, são apresentadas no romance como símbolos de força e autonomia, desafiando estruturas patriarcais milenares. A narrativa expressa o significado desse título ao evocar uma tradição de resistência:

Nós mergulhamos no mar como nossas mães, avós e bisavós fizeram centenas de anos. Esse dom é o nosso orgulho, pois não nos submetemos a ninguém, nem a nossos pais, nem a nossos maridos, nem mesmo aos nossos irmãos mais velhos, nem mesmo aos soldados japoneses durante a guerra. Pescamos nossa própria comida, fazemos nosso próprio dinheiro, e sobrevivemos da colheita que o mar nos oferece (Bracht, 2018, p. 88).

Nesses termos, a autora traz na tradição uma resistência feminina que se antecipa às formulações teóricas do feminismo ocidental. Hooks (2000, p. 10) afirma que “o feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão”, sendo assim, as haenyeo representam uma forma de feminismo vivido, que nasce da prática e da solidariedade.

Entretanto, o romance retrata a violência que subalterniza e silencia as mulheres por meio da captura e escravização sexual da personagem Hana pelos soldados japoneses. Nesse contexto, Spivak (1988) aponta que a subalternidade feminina não se dá pela falta de fala, mas pela recusa do sistema em reconhecê-la. A dificuldade da personagem Hana em narrar sua dor evidencia essa condição subalterna em um cenário de guerra e colonialismo, cujo grito é abafado tanto pelos soldados quanto pela cultura do silêncio imposta.

Ao mesmo tempo, a personagem resiste à desumanização, reafirmando sua identidade com vigor: “Eu sou uma haenyo [...] Eu nunca fui nada além de uma mulher do mar. Nem você e nem qualquer outro homem pode me transformar em menos do que isso” (Bracht, 2018, p. 274).

Partindo desse panorama, nas primeiras páginas do romance, Bracht (2018, p. 39) tematiza:

O estupro cometido pelos soldados é mais do que um ato isolado. [...] Os japoneses acreditam que isso vai ajudá-los na batalha. Ajudá-los a vencer a guerra. Eles acham que têm o direito de liberar energia e receber prazer.

A autora evidencia que a violência sexual é uma prática política de guerra, sustentada por uma ideologia patriarcal e nacionalista que reduz o corpo da mulher colonizada a mero objeto de prazer. Kim (1983, p. 76) ressalta que, em contextos de ocupação, o corpo da mulher asiática simboliza o território conquistado — violado, colonizado e descartado. Assim, a violência reafirma o poder masculino, repetido sistematicamente: “Eles não espancam [...] É como se não importasse se ela está viva ou morta, contanto que esteja fisicamente presente para que possam fazer aquilo que vieram fazer” (Bracht, 2018, p. 118).

Dessa forma, a indiferença em relação à subjetividade feminina reflete o ápice do símbolo do patriarcado descrito por Hooks (2000), que o define como um sistema no qual o corpo da mulher é reduzido a objeto de prazer e controle, e em que a sexualidade se organiza pela lógica da dominação masculina e da submissão feminina. Ao contrapor essa estrutura, as *haenyeo* representam uma forma alternativa de existência feminina.

Ao trazer para o centro da narrativa a prática dos protestos semanais das ex-mulheres de consolo, a autora articula memória, política e discurso:

As manifestações de quarta-feira têm ocorrido toda semana desde que as assim chamadas mulheres de consolo se pronunciaram, vinte anos atrás. O protesto, além de pedir por justiça, exige que o governo japonês admita os crimes de guerra cometidos contra milhares de mulheres durante a Segunda Guerra Mundial (Bracht, 2018, p. 81).

A literatura, nesse contexto, torna-se um meio de inscrever a experiência individual na memória coletiva, dimensão que também se manifesta na arte — como na Estátua da Paz, monumento dedicado às mulheres submetidas à escravidão sexual militar, que perderam infância, saúde e dignidade — e que, assim como o romance, participa de uma disputa simbólica entre memória e justiça. Como aponta Orlandi (2001, p. 76), “o discurso não é neutro, ele mobiliza ideologias, produz sentidos e coloca sujeitos em posição de fala ou de silêncio”. A obra em questão, ao operar no plano discursivo, reverte o silêncio histórico em linguagem, transformando o trauma em testemunho e resistência. Nesse processo, o romance reconstrói a história a partir da perspectiva das mulheres e afirma a literatura como espaço de reparação simbólica, onde vozes marginalizadas podem ser reconhecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Herdeiras do Mar*, de Mary Lynn Bracht, revela como a literatura pode ser espaço simbólico de disputa por memória, identidade e justiça. Ao centralizar a experiência das “mulheres de consolo”, o romance confronta a lógica patriarcal e colonial que historicamente silenciou essas vozes. Os soldados japoneses, na obra, operam como metonímia da dominação militarizada, denunciando a violência sistemática contra corpos femininos.

Como contraponto, as *haenyeo* representam uma ancestralidade de resistência e autonomia, rompendo com o imaginário da mulher submissa ao se apresentarem como autossuficientes mesmo sob ocupação militar. Bracht, ao usar a ficção como forma de denúncia e memória, reafirma o poder político da narrativa literária.

Assim, *Herdeiras do Mar* ultrapassa o romance histórico: é uma reescrita do passado sob a perspectiva das mulheres, onde os traumas e resistências esquecidos pela história oficial encontram voz e permanência pela literatura. Portanto, espera-se que esse estudo contribua para a ampliação do debate sobre memória, gênero e justiça histórica.

REFERÊNCIAS

- BRACHT, Mary Lynn. *Herdeiras do Mar*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018.
- HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2000.
- KIM, Elaine H. *Asian American Literature: An Introduction to the Writings and Their Social Context*. Philadelphia: Temple University Press, 1983.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.
- RAMK, Henry. *Fiction and Memory: The Truths of the Silenced*. New York: Heritage Press, 1961.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Can the Subaltern Speak?* In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (Orgs.). *Marxism and the Interpretation of Culture*. Urbana: University of Illinois Press, 1988.